



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA E INTERAÇÃO DIÁDICA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

*Joana Barbosa Ribeiro*

Porto, julho de 2017



CATÓLICA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
E PSICOLOGIA

---

PORTO

# VINCULAÇÃO NA IDADE ADULTA E INTERAÇÃO DIÁDICA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde -

*Joana Barbosa Ribeiro*

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Vânia Sousa Lima

Porto, julho de 2017

Ao meu Pai e à minha Mãe  
Ao meu Irmão

## **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho muito se deveu ao apoio e presença de muitas pessoas às quais gostaria de agradecer.

À minha orientadora, Professora Doutora Vânia Sousa Lima. Imensamente agradecida por todo o apoio, pela exigência, pela aprendizagem que me proporcionou. Por ter sido das professoras mais marcantes ao longo deste meu percurso, pela positiva. Sem dúvida que ter tido a oportunidade de a ter como professora e orientadora foi uma grande sorte e um enorme prazer. Obrigada!

À Liliana Sousa, não concluímos juntas esta etapa, mas não poderia estar mais feliz por parte dela ter sido feita a teu lado. Obrigada por todos os telefonemas, desabafos e incentivo.

Às minhas amigas, que sempre estiveram ao meu lado, que me incentivaram e animaram nos momentos mais difíceis. Obrigada, Tânia, Sofia, Rita, Ana e Kelly.

À Liliana, não só ser uma amiga incrível, mas por muito me ter ajudado. Obrigada pelos momentos que passamos juntas, obrigada por estares sempre presente e obrigada pela ajuda com este trabalho.

À Cris, por ter sido a melhor companheira nestes cinco anos, por se ter tornado numa das minhas melhores amigas. Tudo o que vivemos foi incrível e inesquecível. Começamos juntas, terminamos juntas e não poderia ter sido melhor. Esta é uma vitória nossa! Obrigada pela pessoa e amiga que és!

À Bélinha, uma das melhores pessoas que tenho na minha vida e à qual tenho o prazer de chamar de melhor amiga. Obrigada por acreditares sempre em mim e por estares sempre ao meu lado. Isto também se deve a ti!

À minha família, em especial aos meus avós, cuja presença, carinho, dedicação e apoio são merecedores de um enorme agradecimento e de todo o meu amor.

Ao meu irmão, o meu porto seguro. A pessoa que mais sorrisos me proporciona e que me faz perceber o verdadeiro significado do amor. Sei que é um orgulho para ti a mana terminar este percurso, mas é para mim um orgulho maior poder fazer parte da tua vida. Obrigada por seres o meu maior incentivo!

E por fim, o agradecimento mais especial vai para os meus pais. Sou eternamente grata por tudo o que me proporcionam. Por todo o amor, motivação, carinho, diversão, aprendizagem. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e por todo o esforço que fizeram para que eu chegasse onde cheguei. São o meu exemplo e força maior. Vão para além daquilo que todos os pais deveriam ser. Obrigada do fundo do coração!

## Resumo

Ao longo dos anos muitos têm sido os estudos realizados com a intenção de compreender a relação existente entre a vinculação e as relações de cariz amoroso na vida adulta. Sendo este um tema de interesse, neste estudo pretende-se aliá-lo a um olhar sobre a expressão emocional em contexto de interação diádica. Desta forma, o objetivo principal aqui apresentado prende-se com analisar o modo como as dimensões representacionais da vinculação e relação íntima e a interação conjugal se associam entre si, atentando de modo particular à dimensão emocional no contexto de interação diádica.

Este é um estudo de caso que contou com um casal de participantes com 26 e 27 anos de idade. Mantêm uma relação íntima há 6 anos e coabitam há 12 meses.

Para a avaliação da representação da vinculação foram utilizadas a AAI e a IRI. Para avaliar o comportamento na interação diádica recorreu-se à CIT.

Os resultados permitem concluir que a história organizada representacionalmente interfere na qualidade da relação íntima e a organização revela estar associada a estratégias de desativação emocional de ambos. Relativamente à dimensão comportamental, é evidenciada a probabilidade de a relação íntima ser influenciada pela organização ou pela representação da mesma.

**Palavras-chave:** Teoria da Vinculação; Vinculação no Adulto; Interação Conjugal; Expressão Emocional

## ***Abstract***

Over the years several studies have been conducted with the intention of understanding the relationship between attachment and loving relationships in adult life. Given the scientific relevance of the topic this study intends to associate it with a look at the emotional expression in a context of dyadic interaction. Consequently, the aim of this study is to analyze the interconnection between dimensions of attachment, intimate relationship and conjugal interaction focusing on the emotional dimension in the context of dyadic interaction.

This is a case study that featured an/a heterosexual/same-sex couple aged 26 and 27 years who had been in a committed romantic relationship for 6 years and cohabiting for 12 months.

The AAI and IRI were used to evaluate the attachment representation. Additionally, the behaviour in the dyadic interaction was evaluated using CIT. From the results it can be concluded that representationally organized history interferes in the quality of the intimate relation and that the organization is associated with strategies of emotional deactivation of both. Regarding the behavioral dimension, the potential influence on the intimate relationship by the organization or its representation is confirmed by the results.

***Keywords:*** Attachment Theory; Attachment in Adulthood; Couple's Interaction; Emotional Expression

## **Índice**

Agradecimentos IV

Resumo

Abstract

Índice

Lista de Tabelas

Lista de Anexos

Lista de Abreviaturas

Introdução

Parte A – Enquadramento Teórico

Teoria da Vinculação

Origens da Teoria

Modelos Internos Dinâmicos

Vinculação na Idade Adulta

Dimensão Representacional da Vinculação

Vinculação e Relações Íntimas na Idade Adulta

Expressão Emocional

Expressão de Emoções em Contexto de Relação Íntima

Parte B – Estudo Empírico

Objetivos e Metodologia

Participantes

Instrumentos

Procedimentos de Recolha de Dados

Procedimentos de Análise de Dados

Resultados

Discussão de Resultados

Limitações do Estudo e Propostas de Investigação Futura

Referências Bibliográficas

## **Lista de Tabelas**

**Tabela 1** – Resultados da IRI por escalas

**Tabela 2** – Avaliação expressão emocional

## **Lista de Anexos**

**Anexo 1** – Declaração de Consentimento Informado

**Anexo 2** – Ficha de Identificação e Caracterização do Casal

**Anexo 3** – *Intimate Relationship Interview* – IRI: Descrição e categorização das escalas

**Anexo 4** – *Couples Interaction Task* – CIT: Descrição e categorização das escalas

## **Lista de Abreviaturas**

**AAI** – *Adult Attachment Interview*

**CIT** – *Couples Interaction Task*

**IRI** – *Intimate Relationship Interview*

**MID** – Modelos Internos Dinâmicos

**SPAFF** - *Specific Affect Coding System*

**VS** – Versus

## Introdução

No presente estudo pretende-se realizar uma compreensão no que respeita à vinculação na idade adulta, a forma como esta se reflete na interação conjugal e, prestar especial atenção à dimensão emocional em contexto diádico. Desta forma, importa referir que se trata de um estudo de caso, o qual integra um casal como participante e, neste é adotada uma dimensão representacional e uma dimensão comportamental.

Atendendo, portanto, ao que este estudo inclui, entende-se que existem dois temas de referência: a Teoria da Vinculação de John Bowlby e, a Expressão Emocional que tem Paul Ekman como impulsionador. Ora, de seguida, será feita uma breve referência a cada tema.

John Bowlby (1982), desenvolveu a Teoria da Vinculação e não obstante se tenha focado principalmente na infância, assume também que a vinculação está ativa ao longo de todo o ciclo de vida, nomeadamente na vida adulta. (Collins & Feeney, 2000; Fraley & Shaver, 2000; Shaver & Mikulincer, 2014).

Por conseguinte, a Teoria da Vinculação na idade adulta chama a atenção para a importância dos processos de cuidado e de suporte para o desenvolvimento de confiança e sentido de segurança nos relacionamentos íntimos. Assim como, identifica possíveis diferenças individuais no que diz respeito ao estilo de vinculação que podem ter influência na relação íntima (Collins & Feeney, 2000). Estas diferenças individuais que refletem as expectativas e as crenças que as pessoas têm sobre si próprias e sobre as suas relações próximas, têm como base a sua história de vinculação na infância (Fraley & Shaver, 1998). É relevante salientar que na vinculação em idade adulta as figuras de vinculação têm um papel totalmente recíproco de forma a que cada elemento do casal seja prestador, mas ao mesmo tempo, que receba cuidados (Hazan & Shaver, 1994). Seguindo esta ideia da prestar e proporcionar cuidados, olharemos para a expressão emocional no contexto de interação diádica. Atente-se na evidência de que a expressão de afeto tem impacto na relação íntima, de forma que devem ser considerados aspetos como a complementaridade e singularidade na interação. Tendo em conta estes aspetos, a representação da vinculação e a representação da relação íntima, este estudo apresenta como objetivo geral o de analisar o modo como as dimensões representacionais da vinculação e relação íntima e a interação conjugal se associam

entre si, atentando de modo particular à dimensão emocional no contexto de interação diádica.

## **Parte A – Enquadramento Teórico**

### **1 – Teoria da Vinculação**

#### **1.1. Origens da Teoria**

O estudo da vinculação está associado a trabalhos desenvolvidos por John Bowlby e Mary Ainsworth. Bowlby enquadra a teoria como sendo o determinante do sucesso ou fracasso das relações interpessoais humanas (Reuther, 2013 & Schwatz, 2015).

John Bowlby argumentou que desde o nascimento os seres humanos formam relações de vinculação com aqueles com quem estão em estreita proximidade, tipicamente com os que têm mais contacto, como os cuidadores. Propôs então que as crianças são naturalmente predispostas a manter a proximidade com os cuidadores de modo a garantir a sua proteção e sobrevivência (Follan & Noller, 1996; Raiffe & Murphy, 2016; Reuther, 2013). O seu primordial objetivo foi examinar o processo de construção de laços afetivos entre a criança e a mãe e, o impacto presente no desenvolvimento da personalidade da criança aquando da quebra destes laços (Feeney & Nooler, 1996). Desenvolveu os princípios básicos da teoria revolucionando o pensamento acerca da ligação que a criança mantém com a mãe, sugerindo que a relação entre as duas deve ser prazerosa e satisfatória para ambas as partes (Bretherton, 1992).

A conceptualização da Teoria da Vinculação é influenciada pelas investigações que haviam sido efetuadas em contexto animal, dos quais se destacam os estudos de H. Harlow com os macacos *Rhesus* e os trabalhos de K. Lorenz (1935) com patos e gansos recém-nascidos. Tudo isto resultou numa superior evidência da relevância de variáveis como o conforto com a proximidade com a figura materna e os laços estabelecidos (Bowlby, 1958; Bowlby, 1988).

Todas as concepções teóricas de John Bowlby são fortalecidas com os trabalhos de Mary Ainsworth. Através dos seus estudos de observação da interação entre o bebé e a mãe num contexto naturalista, no Uganda (Ainsworth, 1967) e posteriormente em Baltimore (Ainsworth, 1977), Ainsworth adquiriu evidência

empírica para a teoria da vinculação contribuindo com o procedimento laboratorial conhecido como Situação Estranha, que tornou viável através da observação efetuar uma análise das dissemelhanças individuais na organização comportamental da vinculação. Ainsworth, Blehar, Watters e Wall (1978), através deste procedimento integrado por um conjunto de episódios de separação e reunião, vieram a identificar padrões ou categorias que refletem distintas reações comportamentais da criança face à figura de vinculação, que são: Seguro, Inseguro-Evitante, Inseguro-Ambivalente. Estas reações encontram-se associadas à acessibilidade e responsividade pela parte da figura de vinculação aos sinais e solicitações da criança (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bretherton, 1992; Cassidy, Ehrlich & Sherman, 2014; Collins & Read, 1990; Main & Kaplan, 1985; van Rosmalen, van der Horst & van der Veer, 2016). A avaliação a partir da Situação Estranha permite também, no que diz respeito às relações na idade adulta, perceber que alguns aspetos da vinculação na infância predizem aspetos de comportamento com parceiros românticos (Simpson, Collins, Tran & Haydon, 2007).

Consoante é exposto por Ainsworth e Bowlby (1991) *“the use of the mother as a secure base from which to explore the world and as a haven of safety”* (p. 6), denota-se uma imensa relevância do conceito de segurança na interação entre a criança e a mãe, que terá sido realçado pelos trabalhos de Ainsworth.

O procedimento Situação Estranha vem dar fundamento aos Modelos Internos Dinâmicos, falados a seguir, que nos permitem a obtenção de informação de cariz representacional, informação esta que é verificada através da Adult Attachment Interview (AAI) (George, Kaplan & Main, 1985), que será mencionada mais à frente.

## **1.2. Modelos Internos Dinâmicos (MID)**

O termo Modelos Internos Dinâmicos (MID) teve origem com Craik (1943), um psicólogo britânico que se debruçou sobre as vantagens e desvantagens que um MID confere de forma aos indivíduos possibilitando, portanto, a simulação de caminhos alternativos de ação internamente antes de serem colocados em ação externamente (Bretherton, 1990).

Este conceito de MID permite a passagem do domínio representacional para o domínio comportamental no estudo da vinculação ao longo do ciclo de vida, sendo por isso central na teoria de Bowlby (Pietromonaco & Barret, 2000; Pietromonaco & Beck, 2015). Bowlby olha para os MID como que uma passagem dos padrões de

relacionamento atuais para representações interdependentes quer do self quer da figura de vinculação, assumindo, que os padrões dos relacionamentos presentes na infância têm influência na forma como uma criança pode entrar num relacionamento com outros adultos, tal como, com futuros parceiros na idade adulta (Grossman, Grossman & Waters, 2006).

Os MID são assumidos para guiarem a atenção, a interpretação e a memória de forma a que seja possível para os indivíduos gerarem as suas expectativas sobre situações interpessoais futuras e desenvolverem estratégias para lidarem com essas mesmas situações (Bretherton, 1985). A segurança ou o perigo de uma situação tal como a responsividade e disponibilidade da figura de vinculação, não são avaliadas completamente de novo todas as vezes que sucedem. Ou seja, ao longo de contínuas transições são desenvolvidos MID que mais tarde serão úteis na avaliação e adoção de comportamentos em novas situações (Bretherton, 1985). Assim, a teoria da vinculação sustenta que os MID têm a capacidade para filtrar a interpretação dos eventos relacionais com maior relevância, permitindo aos indivíduos formarem uma visão do seu mundo social (Kim, 2005; Pietromonaco & Barret, 2000). Se um indivíduo tenha experienciado uma relação de rejeição com um cuidador primário, o modelo de uma parentalidade de rejeição vem a ser complementado por um modelo de um ser não amado, o que acontece também na forma contrária. De acordo com a teoria da vinculação, as crianças estão pré-adotadas para esperar que um cuidador compreenda os seus comportamentos como propostas para o conforto e proteção, mas ao mesmo tempo esperam que o cuidador lhes permita e dê suporte para realizar ações autónomas e exploratórias (Bretherton, 1990).

A qualidade dos MID está associada com a qualidade das relações conjugais, destacando-se, por exemplo, a vinculação segura que é associada a uma elevada qualidade de relacionamento romântico. Estudos variados relatam que pessoas com diferentes estilos de vinculação exibem um comportamento diferente nas suas interações com um parceiro romântico sob situações provocadoras de ansiedade (Bretherton, 1990).

Focando na idade adulta, Hazan e Shaver (1987) confirmam que adultos seguros relatam relacionamentos mais calorosos com os seus pais/cuidadores, do que os adultos considerados ansiosos-ambivalentes ou evitantes. Os adultos evitantes relatam assim relações mais frias e de mais rejeição, enquanto que os ansiosos-ambivalentes relatam relações mais intrusivas e injustas (Pietromonaco &

Barret, 2000). Já os adultos classificados como seguros valorizam claramente as relações de vinculação e conseguem discutir de forma coerente as suas primeiras relações de vinculação (McCarthy & Maughan, 2010).

## 2 – Vinculação na Idade Adulta

“The formation of a bond is described as falling in love, maintaining a bond as loving someone, and loving a partner as grieving over someone” (Bowlby, 1980, p.40)

Bowlby (1988), apesar de afirmar que o sistema de vinculação é mais crítico nos primeiros anos de vida, assume que este está ativo ao longo de toda a vida, principalmente na idade adulta (Shaver & Mikulincer, 2014).

E, com base na expressão de Bowlby (1979) *“from the cradle to the grave”*, Hazan e Shaver (1987) propõem a ideia de que os laços emocionais existentes entre parceiros românticos são semelhantes aos laços emocionais existentes nas relações entre criança e cuidador. Portanto, tal como na infância, as relações românticas na vida adulta têm funções de vinculação, regulando a afiliação e proporcionando uma base segura para a continuação de um crescimento psicológico e para o incremento da maturidade e da autonomia (Hendrick & Hendrick, 1994; Pietromonaco & Beck, 2015; Shaver & Mikulincer, 2014).

Os estilos de vinculação têm uma grande influência em aspetos bastante importantes do funcionamento do adulto, desde o processamento de informação social à regulação da emoção, e ainda influenciam a empatia, a compaixão e estratégias de enfrentamento, proporcionando benefícios importantes para ambos os pares (Belsky & Cassidy, 1994; Cassidy, 2000; Jones, Ehrlich, Lejuez & Cassidy, 2015).

Hazan e Shaver (1987) fornecem uma base relacional para a procura e manutenção de um companheiro fixo e de suporte emocional e, sugerem que diferentes tipos de vinculação seguros e inseguros foram notavelmente similares entre as relações adulto-par e criança-adulto (Levinger, 1994). É assim proposto que os primeiros relacionamentos têm um impacto sobre os relacionamentos amorosos na vida adulta, isto é, as propriedades da vinculação na infância e na idade adulta são as mesmas. Geralmente existem semelhanças nos sentimentos associados à

excitação e também na capacidade de procurar ajuda face a situações de ameaça. Também em situações de perda da figura de vinculação, igualmente nas relações de vinculação na idade adulta ou na infância é produzida dor e, o protesto de separação como componente do luto na idade adulta é semelhante ao da infância no que diz respeito à expressão comportamental. Porém, os parceiros românticos apesar de serem a principal figura de vinculação, os pais (primeiras figuras de vinculação) continuam a ocupar o papel de principais fornecedores de uma base segura para a exploração e crescimento (Shaver & Mikulincer, 2014; Weiss, 1991).

É esperado que nas relações na idade adulta predomine um balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto, isto é, entre recorrer ao outro como base segura, e ao mesmo tempo, constituir-se perante o outro como tal. Portanto, no sistema de vinculação na idade adulta, ambos os elementos da díade oferecem e recebem cuidados e apoio, conferindo ao indivíduo a perceção de segurança, pertença e partilha, consubstanciando o estabelecimento e desenvolvimento de intimidade (Bretherton, 2005; Cassidy, 2001; Soares, 2009).

Do ponto de vista da vinculação, afirma-se que um parceiro de uma relação é uma figura de vinculação e, uma relação específica é uma relação de vinculação, assumindo-se assim que um parceiro romântico acarreta três importantes funções: primeiro, a vinculação remete para a procura de proximidade; segundo, a pessoa deve ser encarada como um porto seguro, atendendo ao proporcionar de conforto, apoio, proteção e segurança; por último, a pessoa ser vista como base segura, sustentando atitudes que conduzam à exploração (Shaver & Mikulincer, 2009).

Na última década, tem sido dedicada uma elevada atenção à especificidade da vinculação na idade adulta e por isso são distinguidas duas linhas de investigação, uma primeira que foca no nível representacional da vinculação com as figuras parentais e, uma outra focada nas relações de vinculação com pares, nomeadamente com o par amoroso, a abordar de seguida (Simpson & Rholes, 1998; Bartholomew & Shaver, 1998).

## **2.1. Dimensão Representacional da Vinculação**

Nesta linha de investigação é dado grande destaque a Mary Main, que deu ênfase à esfera representacional, permitindo o desenvolvimento de métodos de Avaliação que remetem para a complexidade da vinculação na idade adulta. Enquanto que na infância os estudos analisam as diferenças individuais na organização comportamental da vinculação, como são exemplo os estudos que

recorrem ao procedimento experimental da Situação Estranha, Main e cols. (1985) procuram aceder às diferenças na organização representacional da vinculação. As representações, ou modelos de trabalho, são abstraídos da experiência diádica prévia e orientam as expectativas sobre o comportamento observável nas relações íntimas futuras. São reflexões mais ou menos verídicas da realidade de experiências de cuidados anteriores e servem como guias, ou então restrições, para o envolvimento em relacionamentos no futuro. (Roisman, Collins, Sroufe & Egeland, 2005; Roisman, Madsen, Hennighausen, Sroufe & Collins, 2001).

Atendendo à importância da linguagem enquanto organização discursiva do pensamento, permitindo o acesso a informação relativa a experiências de vinculação, foi elaborada a *Adult Attachment Interview* (AAI) (George, Kaplan & Main, 1985). A AAI é uma entrevista semiestruturada e é dirigida à avaliação da segurança do modelo interno da vinculação ou a segurança do *self* relativamente à vinculação de um modo global. Foca a coerência das narrativas dos adultos acerca dos seus relacionamentos da infância. Esta entrevista produziu evidências consistentes para a transmissão intergeracional da segurança dos cuidadores primários para os seus bebés e, para além disso, evidencia que as estas relações anteriores estão associadas à qualidade das suas relações românticas na vida adulta. As questões desta medida de avaliação invocam a recordação de memórias passadas com as figuras de vinculação, constituindo-se assim estas memórias como elementos ativadores do sistema de vinculação, possibilitando uma avaliação do estado em que o indivíduo se encontra atualmente em relação à vinculação. Deste modo, esta entrevista visa uma avaliação da representação atual do indivíduo das suas relações de vinculação. (Fortuna, Holland, Roisman, Haydon & Groh, 2011).

No que se refere ao sistema de cotação da AAI, este assenta essencialmente na linguagem do indivíduo e na sua capacidade para fornecer um relato coerente e credível acerca das suas experiências aquando da infância e os respetivos significados atribuídos a estas. Segundo Main e Goldwin (1984, 1998) são possíveis de identificar quatro classificações centrais, semelhantes às categorias identificadas na *Situação Estranha*: Seguro/Autónomo; Inseguro/Desligado; Inseguro/Preocupado. Na primeira categoria, seguro/autónomo em relação à vinculação, inserem-se os indivíduos que dão valor às relações de vinculação. Apresentam um discurso coerente e uma boa análise das suas experiências de vinculação, sejam elas positivas ou negativas. São descritas relações positivas capazes de constituir uma

base segura para o desenvolvimento do indivíduo. A categoria inseguro/desligado é caracterizada por uma rejeição ou desvalorização das relações de vinculação. Os indivíduos desvalorizam a importância das relações ou das experiências de vinculação, negando também os efeitos da mesma no seu desenvolvimento. Por fim, na categoria inseguro/preocupado estão caracterizadas a confusão, a incoerência e o emaranhamento nas relações de vinculação. Estão aqui inseridos indivíduos que apresentam um discurso pouco objetivo e revelam atitudes de crítica relativamente às figuras de vinculação. É também uma característica dos indivíduos inseridos nesta categoria a dificuldade ao nível da autonomia e desenvolvimento da identidade pessoal, revelando também uma angústia de internalização. Main e Goldwin (1984, 1998) identificam ainda uma outra categoria para além das três referidas acima, designada como não resolvido/desorganizado (U/d). Identificam-se nesta categoria indivíduos com um discurso caracterizado por lapsos na monitorização, desorientação e desorganização na análise de experiências passadas. No caso de nenhuma das categorias anteriores poder ser considerada, existe uma categoria adicional designada CC (*cannot classify*) que pode integrar estes casos. (Fortuna et al., 2011; Haydon, Collins, Salvatore, Simpson & Roisman, 2012; Roisman, Tsai, & Chiang, 2004).

É assumido que um participante dito coerente se revela internamente consistente quando discute experiências de vinculação na infância durante a AAI e é capaz de discutir estas suas primeiras experiências sem se demonstrar emocionalmente exagerado. Pelo contrário, indivíduos que não produzem um discurso internamente consistente tendem a idealizar os seus cuidadores ou normalizam experiências complicadas da sua infância (Haltigan, Roisman & Haydon, 2014).

As classificações autónomas e seguras são associadas a um funcionamento romântico e à estabilidade do relacionamento, já as restantes classificações são associadas a uma angústia no relacionamento, a um funcionamento mais pobre e à instabilidade. É assim importante observar que as representações devem estar associadas e ter influência no comportamento romântico (Haydon et al., 2012). Também é evidenciado que as classificações preocupado e despreocupado estão associadas a correlatos distintivos e consistentes com a teoria (Haydon, Roisman, Marks, & Fraley, 2011).

Estudos revelam que se a pessoa é classificada com um padrão

desorganizado de vinculação na infância, a sua interação na resolução de conflitos com um parceiro romântico na idade adulta é avaliada por observadores como menos comportamentos de base segura, menor equilíbrio, quer no funcionamento do casal, quer nos interesses ou necessidades pessoais de cada parceiro, menos carinho, menos confiança, baixa proximidade emocional e menos sensibilidade para as necessidades e desejos mútuos. Assim o casal será classificado como exibindo uma maior hostilidade na resolução de conflitos, ao invés de um casal cuja vinculação é segura na infância (Simpson et al., 2007).

Os resultados de uma meta-análise de estudos que utilizaram a AAI, indicam uma distribuição das principais categorias de vinculação, em amostras não clínicas, em que 58% dos indivíduos são classificados como seguros/autónomos, 24% são classificados como inseguros/desligados e 18% como inseguros/preocupados. A AAI tem assim apresentado valores aceitáveis ao nível da fidelidade de resultados (Soares, 2006; Waters & Waters, 2006). Tyrrell e Dozier (1999), com base na ideia de as representações estarem associadas a comportamentos conjugais, relacionaram as classificações da AAI a comportamentos no relacionamento romântico em casais, evidenciando que a segurança se encontra relacionada com a prestação de cuidados, assim como, a um maior conforto e facilidade de dependência de parceiros (Roisman et al., 2001).

## **2.2. Vinculação e Relações Íntimas na Idade Adulta**

Já olhamos para a dimensão representacional, agora importa fazer referência à dimensão comportamental que depende da primeira. As relações de vinculação entre adultos caracterizam-se acima de tudo pela sua simetria e reciprocidade, complementadas pelo balanceamento contínuo e flexível entre o procurar e o proporcionar segurança e conforto (Ainsworth, 1991; Weiss, 1991). Também a noção de base segura tem aqui um papel fundamental ao assumir-se como elemento nuclear no contexto das relações íntimas, proporcionando ao indivíduo uma exploração “dentro” e “para além” da relação. Os adultos ao experienciarem uma base segura, ao perceberem o outro como responsivo e disponível, adquirem a perceção e experiência de segurança, pertença e partilha (Cassidy, 2001; Duemmler & Kobak, 2001). Posto isto, entende-se que como aspetos essenciais de uma relação de vinculação destacam-se o perceber o outro como disponível e responsivo e, reciprocamente, constituir-se perante o parceiro como uma fonte de conforto e

apoio emocional (Obeji & Berant, 2010).

Collins e Feeney (2004) sublinham que a teoria da vinculação permite uma compreensão da importância da intimidade no desenvolvimento da confiança e do *felt security* neste contexto das relações íntimas. Esta teoria indica que o indivíduo tem a aptidão para desenvolver laços emocionais com pessoas capazes de lhe proporcionar segurança e conforto funcionando como base segura permitindo a exploração do mundo. São a proximidade física e emocional em relação à figura de vinculação que permitem o estabelecimento desta segurança e, é também neste contexto que é possibilitado ao indivíduo encontrar um espaço onde possa expressar e partilhar emoções.

Neste ponto de vista, Cassidy (2001) propõe quatro capacidades básicas no desenvolvimento da intimidade: a capacidade de procurar cuidados; a capacidade de prestar cuidados; o conforto com a autonomia e; a capacidade de negociação. A capacidade de procurar cuidados é necessária no desenvolvimento da intimidade tendo em conta que esta envolve a partilha de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos e, também o reconhecimento de apoio e conforto. A capacidade de prestar cuidados está relacionada com a disponibilidade, responsividade e sensibilidade, refletindo-se no reconhecimento das necessidades do outro. No que diz respeito ao conforto com a autonomia, é importante na medida em que torna possível experienciar crescimento pessoal como resultado do envolvimento numa relação de cariz amoroso, tendo em atenção que esta funciona como base segura permitindo que o indivíduo explore e invista no mundo fora da relação. Por último, a capacidade de negociação implica a capacidade de reconhecer e aceitar os sentimentos e necessidades do outro, trabalhando em conjunto na tomada de decisão e também na resolução de conflitos.

Atendendo ainda às investigações empíricas no estudo da intimidade na idade adulta, é possível, a partir de variados estudos, que adultos avaliados como seguros sentem-se confortáveis com a intimidade, a partilha e a proximidade, caracterizando-se como merecedores de cuidados e afetos e percebendo o outro como responsivo e disponível. Ao assumirem o papel de prestadores de cuidados demonstram-se responsivos e sensíveis às necessidades do outro, mantendo uma relação íntima sem perder a sua autonomia e individualidade. Já os adultos com um padrão de vinculação ambivalente apresentam uma visão insegura de si próprios, procurando no outro o sentimento de bem-estar e manifestando um medo intenso de

abandono. Contudo, são constantes os sentimentos de ciúme e desconfiança devido à grande insatisfação pela percepção de não dependência do outro. Os adultos considerados evitantes ou desligados apresentam uma enorme dificuldade no que diz respeito em depender do outro, o que conduz a uma desvalorização da necessidade de proximidade e suporte, manifestando assim uma crença de independência e autossuficiência. Existe ainda a presença de um evitamento da intimidade que se percebe através de um distanciamento emocional e do desconforto com a proximidade física. No papel de prestadores de cuidados mostram uma baixa responsividade às necessidades do outro (e.g. Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990).

Também num estudo com 144 casais, Simpson (1990), conclui que indivíduos considerados como seguros tendem a perceber as suas relações como satisfatórias, com uma maior confiança e investimento. Os indivíduos evitantes tendem a desvalorizar as situações de intimidade e compromisso. Já os ambivalentes mostram uma maior preocupação relativamente a questões relacionadas com a desconfiança, o abandono e o ciúme. É evidenciado ainda por Feeney (1999) que sujeitos seguros sentem-se confortáveis com o toque e com a intimidade sexual, sendo esta entendida como impulsionadora de confiança e segurança.

Nesta linha da dimensão comportamental, e atendendo a todo o processo também representacional já mencionado anteriormente, faz-se referência à *Couples Interaction Task (CIT)*; Collins, Hennighausen, Madsen & Roiman, 1998). Este é um procedimento de avaliação da interação do casal, desenvolvido no âmbito do *Parent-Child Minnesota Longitudinal Study* e, baseia-se na avaliação de comportamentos diádicos ocorridos durante a realização de tarefas desafiantes e ativadoras do sistema de vinculação (Roisman et al., 2005). Assim, com a presença da CIT, da IRI e da AAI, será possível conjugar metodologias de cariz comportamental e de cariz representacional, obtendo uma associação entre a representação da vinculação e a partilha de afeto durante a interação do casal. Considerando o objetivo geral deste trabalho, o próximo capítulo abordará o tema da expressão emocional.

### **3 – Expressão Emocional**

Paul Ekman (1965), pioneiro dos estudos sobre expressões faciais, traz a evidência da universalidade das emoções e a de que mudanças fisiológicas decorrem da ativação de determinada emoção. A partir de estudos iniciais, Ekman (1973) e Izard (1971), vieram a revelar a existência de seis emoções universais básicas: alegria, tristeza, medo, surpresa, nojo e raiva (Ekman et al., 1987; Matsumoto & Ekman, 2004). Através dos seus estudos na Nova Guiné, Ekman (1971) verifica que as populações nativas isoladas deste país eram capazes de identificar as emoções, permitindo assim uma compreensão de que as expressões faciais e a interpretação das mesmas são características inatas do ser humano (Matsumoto & Ekman, 2004).

Importa fazer um enquadramento acerca das emoções e o seu significado. E assim, referir que estas, de forma geral, ocorrem em resposta a um evento e, desta forma, as expressões faciais de emoção são frequentemente reveladas e percebidas em situações caracterizadas por um elevado nível emocional (e.g., quando um casal se confronta com um problema). Referir também que são involuntárias, apesar de existir a possibilidade de agir sob a sua própria expressão ou disfarçar as expressões emocionais (Ekman, 1997).

### **3.1. Expressão de Emoções em Contexto de Relação Íntima**

De forma a cumprir com a boa compreensão deste estudo e com o objetivo de procurar fazer uma ligação entre a expressão emocional e as relações de cariz amoroso, debruçaremos-nos, nesta fase final, sobre este ponto.

Ora, considera-se que um importante aspeto para que as relações sejam bem sucedidas é a capacidade de expressar emoções positivas (Davila, Wodarczyk & Bhatia, 2017). Na verdade, existe muita pesquisa voltada para a emoção negativa na relação amorosa, que pressupõe que exista a capacidade para a resolução de conflitos e de outras circunstâncias desafiadoras e, é aqui, que se tornam bastante relevantes as emoções de cariz positivo. Estas emoções tendem a atenuar os efeitos de excitação fisiológica provocados pelas emoções negativas aquando das interações conjugais conflituosas. A expressão emocional positiva, tem verdadeiramente impacto numa relação, o que é verificado, por exemplo, quando são compartilhadas experiências ou eventos positivos entre o casal e esta partilha é entendida com entusiasmo, o que implica uma maior satisfação, um aumento de

confiança, intimidade e, conseqüentemente, uma diminuição de conflitos conjugais (Davila, Wodarczyk & Bhatia, 2017).

Um estudo de Osgarby e Halford (2013), permitiu examinar de forma direta uma comparação entre uma típica tarefa de discussão de resolução de problemas e, entre o comportamento numa interação de reminiscência. O que se concluiu foi que nos casais satisfeitos, prevalecia o afeto positivo e a intimidade diádica, o que permitiu observar nestes casais uma maior taxa relativa à reminiscência positiva do que na resolução de problemas (Davila, Wodarczyk & Bhatia, 2017).

Portanto, entende-se realmente que expressar emoção positiva é percebido como relevante para o funcionamento adequado das relações íntimas. Importa agora perceber o que contribui para que o casal tenha a capacidade para expressar emoções positivas. Existem três principais competências que podem contribuir para o funcionamento saudável de uma relação, entre as quais: a capacidade de *insight*, a mutualidade e a regulação emocional. De acordo com a Teoria da Vinculação, para que o funcionamento de uma relação seja adaptativo, há a necessidade da existência da capacidade de *insight* e de refletir sobre o próprio, sobre o companheiro e a capacidade para aprender com experiências anteriores. Enfatiza, ainda, a importância de regular de forma adaptativa o sofrimento (Davila, Wodarczyk & Bhatia, 2017). Existem também variáveis individuais associadas à expressão de emoções positivas, como sejam os traços de personalidade e a organização da vinculação, tal como defende Sroufe (1996), os padrões de vinculação podem efectivamente ser olhados como diferentes formas de regular as emoções (Davila, Wodarczyk & Bhatia, 2017).

Efetivamente, a identificação das expressões faciais é fundamental para a interação social (Wells, Gillespie & Rotshtein, 2016). Taylor e Jose (2014), evidenciam num dos seus estudos que a identificação da expressão facial de emoções é bastante influenciada pelo tipo de expressão facial apresentado, por exemplo, as expressões faciais felizes/positivas são mais facilmente categorizadas do que as outras expressões (Taylor, 2017).

Importa também fazer referência à Teoria Interpessoal (Sullivan, 1953) que pressupõe um olhar sobre o comportamento interpessoal, atentando às dimensões de dominância vs. submissão e, aflição vs. hostilidade, de modo a compreender os comportamentos da interação diádica (Sadler, Gunn, Ethier, Duong, & Woody, 2009). Esta teoria conduz à evidência de que os comportamentos interpessoais dos

elementos do casal ao longo da interação tendem a complementar-se fazendo com que o Outro atue de forma semelhante (Markey, Lowmaster & Eichler, 2010).

Para analisar as expressões emocionais foram desenvolvidos diversos materiais, entre os quais se destacam o *Specific Affect Coding System* (SPAFF), desenvolvido por Gottman e Krokoff (1989) que visa o reconhecimento e categorização de afeto (verbal, físico, facial) (Shapiro e Gottman, 2004) e o *Joystick* que permite uma avaliação momento a momento da interação (Sadler, Gunn, Ethier, Duong, & Woody, 2009).

## **Parte B – Estudo Empírico**

### **1 – Objetivos e Metodologia**

O presente trabalho é um estudo de cariz exploratório que apresenta como principal objetivo o de analisar o modo como as dimensões representacionais da vinculação e relação íntima e a interação conjugal se associam entre si, atentando de modo à dimensão emocional no contexto de interação diádica.

A metodologia de investigação que se segue é de cariz qualitativo, de natureza dedutiva de descrição e interpretação. Contudo, recorre-se ainda a uma análise quantitativa com recurso à avaliação Q-*Sort* da AAI (Kobak, 1993 cit. in Lima, 2009).

Importante realçar que este estudo é realizado no âmbito de um projeto mais vasto sobre vinculação no contexto de relações íntimas, partilhando com este algumas das suas medidas e participantes.

Recorreu-se à utilização da AAI, CIT, IRI, de forma a responder aos seguintes objetivos específicos:

1. Examinar a relação existente entre as dimensões representacionais e a dimensão comportamental nas relações íntimas.
2. Analisar a expressão emocional de cada um dos elementos do casal em contexto de interação diádica e suas relações com a organização da vinculação.
3. Analisar a expressão emocional de cada um dos elementos do casal em contexto de interação diádica e suas relações com a representação da relação íntima.

## **2 – Participantes**

Definiram-se como critérios de inclusão indivíduos heterossexuais, que se mantivessem numa relação íntima de cariz amoroso com uma duração mínima de dois anos e deveriam coabitar há pelo menos seis meses. Este período de dois anos é justificado por ser necessário à estabilização de uma relação de vinculação e também para que o parceiro se constitua como sendo a principal figura de vinculação (Hazan & Shaver, 1994). Como critério de exclusão, os participantes não deveriam estar em acompanhamento psicoterapêutico aquando da realização da Avaliação, tanto individualmente como em casal.

Sendo este um estudo de caso, os participantes são um casal que se mantém numa relação amorosa há 6 anos e coabita há 12 meses. Formam uma díade heterossexual, com 26 e 27 anos de idade. Os participantes foram selecionados da comunidade atendendo a um formato de conveniência (Vicente, Reis, & Ferrão, 2001) através de contactos informais.

## **3 – Instrumentos**

### **Ficha de Identificação e Caracterização do Casal**

Esta ficha consiste num questionário referente à caracterização sociodemográfica de cada elemento do casal que contempla a idade de cada um, as habilitações literárias, o estado civil e a profissão. Visa também a caracterização da relação, a duração total da mesma e o tempo de coabitação. (Anexo 2)

***Adult Attachment Interview / AAI*** (George, Kaplan & Main, 1985; traduzido e adaptado por Soares e cols. 1996)

A *AAI* é uma entrevista semiestruturada, de natureza biográfica, que se centra nas relações de vinculação dos indivíduos na infância e no significado que os mesmos dão a essa relação no presente, possibilitando o estudo da vinculação ao longo do ciclo de vida (Lima, 2009).

Compreende 20 questões referentes à ativação do sistema de vinculação pela evocação de memórias do indivíduo acerca da experiência de vinculação que terá sido estabelecida com os seus pais.

A entrevista deve ser realizada por um entrevistador formado, tem uma duração de aproximadamente 60-90 minutos e é registada em formato de áudio, para a posterior transcrição e cotação.

O protocolo da AAI é iniciado ao solicitar ao indivíduo para se situar na sua infância e para descrever de forma breve o contexto e a história familiar. Para caracterizar a relação do indivíduo com as suas figuras de vinculação é-lhe pedido para enumerar cinco adjetivos para cada uma das figuras e de memórias episódicas específicas que ilustrem os adjetivos referidos pelo próprio.

A entrevista prossegue com questões específicas no que diz respeito a temáticas críticas da relação de vinculação e mais tarde serão abordadas separações e possíveis experiências de rejeição.

No final da entrevista, é pedido ao indivíduo que se centre no momento presente, fazendo uma breve descrição da sua relação atual com os pais (Lima, 2009; Main, Hesse & Kaplan, 2005).

### ***Intimate Relationship Interview / IRI*** (Lima, Soares, Vieira & Collins, 2005)

A *Intimate Relationship Interview* (IRI) é uma entrevista semiestruturada e tem como objetivo avaliar a representação das relações íntimas avaliando dimensões como a regulação emocional, a capacidade de procurar e prestar cuidados, a intimidade sexual e a base segura, todas elas importantes no contexto das relações íntimas (Lima, 2009). Considerando que a IRI é uma entrevista dirigida a adultos, é sua função analisar a capacidade do indivíduo para organizar as suas experiências, integrá-las e atribuir-lhes significado, percebendo também as estratégias utilizadas para tal, no contexto da relação íntima atual. O protocolo desta entrevista requer que a avaliação seja feita, por um lado, que o indivíduo descreva as suas experiências no contexto da relação e respetivas avaliações e interpretações que faz das mesmas, por outro lado, que reflita e apresente avaliações e interpretações de forma a sustentar as descrições através de acontecimentos específicos do seu relacionamento, proporcionando assim um balancamento entre as dimensões episódica e semântica (Lima, Vieira & Soares, 2006).

A administração das IRI's é gravada em registo áudio e realizada de forma individual tendo uma duração média de cerca de 30 minutos. Começa por avaliar a influência de outras relações passadas do indivíduo, por exemplo, com as figuras de vinculação e ao longo do desenvolvimento, na relação íntima atual. Numa fase seguinte, são explorados os padrões de interação relacionados com a procura e prestação de cuidados, sejam estes verificados em situações de desconforto mesmo não estando diretamente relacionados com a relação íntima (e.g., problemas com amigos), sejam em situações associadas à própria relação (e.g., conflito do casal). As questões que se seguem incidem na avaliação da regulação da proximidade e distância relativamente ao outro e também à representação da relação do ponto de vista sexual, nomeadamente no que diz respeito ao nível da comunicação, satisfação e expressão do desejo sexual. A IRI termina com a avaliação da satisfação, expectativas e aprendizagens associadas à relação, pretendendo avaliar em que medida o indivíduo considera a sua relação como uma relação promotora de crescimento pessoal, num balanceamento entre as suas próprias necessidades e as necessidades da sua relação (Lima, 2009).

***Couple Interaction Task / CIT*** (Collins, Hennighausen, Madsen & Roisman, 1998)

Esta é uma medida de observação comportamental que compreende dois momentos distintos.

Num primeiro momento, deve ser selecionada pelo casal uma lista de possíveis problemas existentes na relação, devendo após isto conversar acerca do mesmo durante um período de 10 minutos.

Num segundo momento pede-se ao casal que coopere na descrição do que para si seria uma relação ideal. A CIT é gravada em registo vídeo e cotada através de dez escalas: Afeto Positivo Diádico, Afeto Negativo Diádico, Raiva, Hostilidade, Resolução de Conflito, Base Segura, Equilíbrio Assertividade/Auto Retraimento, Equilíbrio Indivíduo/Relação, Equilíbrio Relação/Mundo e, numa avaliação geral, através da escala Qualidade da Interação (Lima, 2009).

#### **4 – Procedimentos de Recolha de Dados**

O contacto inicial com os casais é realizado por contacto telefónico ou por e-mail, no qual se procede à apresentação do projeto de investigação e solicita a sua colaboração voluntária, assegurando desde logo a confidencialidade da sua participação e dos dados que serão recolhidos. Após a aceitação na participação no projeto de investigação e da apresentação da sua disponibilidade, é efetuado um novo contacto telefónico para proceder ao agendamento da recolha de dados. O processo de recolha de dados é efetuado nas instalações de uma clínica privada de psicologia na cidade do Porto. No dia agendado para a recolha de dados, os casais são recebidos, sendo que antes da realização de qualquer tarefa, já havia sido entregue o consentimento informado do casal (Anexo 1), devidamente documentado por escrito, assegurando-se neste momento os princípios éticos da privacidade, confidencialidade, não maleficência e participação voluntária e informada.

Posteriormente, dá-se lugar às entrevistas individuais, realizando-se as AAI's e, seguidamente, as IRI's. Terminadas as entrevistas, pede-se a cada participante que, individualmente, preencha a *checklist* presente no protocolo da CIT, de situações eventualmente problemáticas no contexto das relações de casal, sendo que nesta *checklist* o indivíduo deve pontuar numa escala de Likert de 10 pontos quão problemático é determinado tópico no âmbito da sua relação com o/a companheiro/a. Após preenchida esta *checklist*, que posteriormente irá ser usada na CIT, dar-se-á por terminada a dimensão individual do processo de recolha de dados, solicitando-se aos elementos do casal que se reúnam na sala onde decorrerá a CIT.

A CIT é videogravada com recurso a 3 câmaras de vídeo full HD, das quais, uma estará direcionada para o elemento feminino, outra para o elemento masculino e, uma terceira, captará uma panorâmica geral da interação diádica. A totalidade dos procedimentos relativos à recolha de dados terá uma duração de cerca de três horas.

## **5 – Procedimento de Análise de Dados**

Foi utilizado como método de análise e classificação das **AAI's** o *Adult Attachment Q-Sort*. Este método permite avaliar o recurso a estratégias de segurança vs. insegurança e estratégias de ativação vs. desativação, correlacionadas com os padrões seguro, preocupado e desligado, que ocorre a partir da ativação de uma destas estratégias (Lima, 2009). Estando concluídas as transcrições integrais das AAI's, cada entrevista é cotada por pares de juízes

formados pelo método *Q-Sort*, tendo-se procedido à avaliação do acordo entre juízes e posteriormente à avaliação da correlação da média das suas cotações com o protótipo de cada padrão de vinculação. Este procedimento viabiliza a determinação do padrão de vinculação de cada elemento do casal, tendo sido necessário recorrer a um terceiro juiz no processo de cotação da entrevista do elemento feminino da díade.

De modo similar ao ocorrido com as AAI's, as **IRI's** foram integralmente transcritas e cada entrevista foi cotada por pares de juízes para tal certificados, tendo-se procedido à avaliação do acordo entre juízes e definida a avaliação e cotação organizada em dois eixos: o primeiro relacionado com as escalas de Integração de Afeto Positivo e Negativo, Intimidade Sexual, Capacidade de Proporcionar e Procurar Cuidados e Desenvolvimento Individual vs. Desenvolvimento da Relação, e o segundo eixo refere-se à avaliação da qualidade de organização da experiência, através das escalas de Idealização e Coerência.

Respeitando as directrizes de cotação propostas pelos autores da **CIT**, a avaliação da interação diádica contemplou o visionamento da gravação por um par de juízes treinados para o efeito, tendo-se procedido à avaliação do acordo entre juízes e definida a avaliação e cotação para as seguintes escalas: (i) *Afeto positivo diádico*, (ii) *Afeto negativo diádico*, (iii) *Raiva*, (iv) *Hostilidade*, (v) *Resolução de Conflito*, (vi) *Base segura*, (vii) *Equilíbrio assertividade/auto-retraimento*, (viii) *equilíbrio desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação*, (ix) *Equilíbrio desenvolvimento do indivíduo/desenvolvimento da relação*, (x) *Equilíbrio relação/mundo exterior*, (xi) *Qualidade da Relação*.

No que respeita à avaliação da expressão emocional em contexto diádico e considerando o cariz exploratório deste estudo, adotou-se um posicionamento que atende ao carácter interdependente de expressões emocionais (Markey, Lowmaster & Eichler, 2010), assumindo-se como unidades de análise o episódio com maior saliência do ponto de vista emocional em cada intervalo temporal de 1 minuto, independentemente de quem o enceta, no contexto da interação diádica, viabilizando atentar às dimensões de complementaridade e similaridade na interação. De modo similar ao adotado por Shapiro & Gottman (2004), a avaliação das expressões não verbais de carácter emocional considerou uma abordagem holística das mesmas, assumindo-se uma perspectiva subjetiva do avaliador, informado culturalmente sobre a expressão emocional (Shapiro & Gottman, 2004).

## 6 – Resultados

Os resultados serão apresentados atendendo à ordem de utilização dos instrumentos.

### ***Adult Attachment Interview / AAI***

Apresentam-se os resultados da avaliação da representação da vinculação na infância, para o elemento feminino do casal e, de seguida para o elemento masculino.

A cotação da AAI permitiu classificar o **elemento feminino** da díade como **seguro com desativação**. Este elemento descreve com qualidade as suas experiências de infância e apresenta a capacidade de refletir acerca do impacto da relação com a figura de vinculação para o desenvolvimento da sua personalidade. Existem, porém, situações em que apresenta dificuldade em identificar de forma episódica as apreciações globais que faz.

O **elemento masculino** é classificado como **desligado**. A avaliação é pautada por uma descrição da relação com os pais como perfeita, ainda que seja reveladora a incapacidade generalizada de não apresentar situações episódicas para a apreciação global que faz.

### ***Intimate Relationship Interview / IRI***

Os resultados da IRI são apresentados na Tabela 1.

Escala	Elemento Masculino		Elemento Feminino	
	Cotação	Classificação	Cotação	Classificação
Integração de Afeto Positivo e Negativo	4	Alto	4	Alto
Intimidade Sexual	4	Alto	4	Alto
Caregiving	5	Muito Alto	2	Baixo
Careseeking	3	Médio	2	Baixo
Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação	5	Muito Alto	4	Alto
Idealização	2	Baixo	2	Baixo

De seguida, são apresentados os resultados da IRI para o elemento masculino da díade.

Na escala de **Integração de Afeto Positivo e Negativo**, obteve um valor **alto**, correspondente à capacidade de integrar, representacionalmente, emocionalidade positiva e negativa, reconhecendo aspetos positivos da relação diádica e aspetos suscitadores de emocionalidade negativa, ainda que pontualmente estes sejam descurados. (e.g., *“Se a coisa está mal feita, conta-se, se for preciso conta-se à D. que alguma coisa não está bem-feita, se for preciso ela conta-me a mim.”*)

Na escala **Intimidade Sexual**, obteve um valor **alto**. Compreende-se uma valorização dos aspetos de natureza emocional integrados no context da relação sexual. (e.g., *“Formamos um bom casal, temos uma relação sempre bem ativa, e falamos, ficamos sempre com satisfação um do outro.”*)

Na escala **Caregiving**, obteve um valor **muito alto**. O elemento masculino apresenta-se como sensível, disponível e responsivo às necessidades de D., sejam de cariz pragmático, sejam de cariz emocional, valorizando o papel de prestação de cuidados e sendo capaz de sustentar esta representação do ponto de vista episódico. (e.g., *“Dou-lhe atenção, dou-lhe ideias, estou sempre a apoia-la, nunca a rejeito, nunca a deixo estar sozinha a falar para as paredes, estou sempre pronto a ajudá-la, estou sempre ao lado dela, nos bons e nos maus momentos.”; “Quando foi a morte da irmã foi um momento muito difícil para ela. Foi um momento muito difícil que ela passou. E eu estive presente ao lado dela.”*)

Na escala **Careseeking**, obteve um valor **médio**. Salieta-se que a procura de cuidados é valorizada, mas realizada de modo padronizado, tendo J. dificuldade em identificar episódios específicos em que a mesma ocorra. A representação do Outro como disponível alia-se à representação de si como sendo capaz de procurar cuidados.

Na escala **Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação**, obteve um valor **muito alto**. A relação é representada como singular e promotora de desenvolvimento individual, envolvendo-se J. na satisfação das necessidades da relação. (e.g., *“É o nosso desejo, agora é constituir uma família e*

*estar sempre com os olhos sempre sempre responsáveis um com o outro, nunca..., entender sempre um ao outro, ser uma relação segura.”)*

Na escala **Idealização**, obteve um valor **baixo**. Embora a representação da relação íntima seja avaliada como coerente, com representações gerais que decorrem da experiência pessoal, existem algumas apreciações positivas da relação que não são passíveis de ser validadas episodicamente.

Na escala **Coerência**, obteve um valor **alto**. O discurso da pessoa é avaliado como claro relativamente ao outro, a si e à relação, embora ocorram situações em que J. não é capaz de sustentar episodicamente a representação que da relação íntima elabora.

Seguem-se os resultados relativos à **IRI** para o elemento feminino da díade.

Na escala de **Integração de Afeto Positivo e Negativo**, obteve um valor **alto**, refletindo uma capacidade de representacionalmente integrar emocionalidade positiva e negativa, reconhecendo aspetos positivos da relação diádica e aspetos suscitadores de emocionalidade negativa, ainda que pontualmente estes sejam descurados. (e.g., *“Todos os casais têm os seus conflitos, têm os seus problemas... eu e o J. já namoramos há 6 anos, quase 6 anos, mas nem tudo foi um mar de rosas, não é?”*)

Na escala **Intimidade Sexual**, obteve um valor **alto**. São valorizados aspetos de natureza emocional integrados no contexto da relação sexual, que é genericamente avaliada como satisfatória. (e.g., *“Claro que nós nem sempre estamos dispostos quando às vezes o outro quer, pronto... entramos num consenso.”*; *“estamos há pouco tempo casados isto agora é uma maravilha.”*)

Na escala **Caregiving**, obteve um valor **baixo**. Denota-se dificuldade no reconhecimento de necessidade por parte do Outro, devendo o companheiro ser ativo e consistente na elicitación de cuidados para que os mesmos sejam prestados, evidenciando-se o cariz pragmático da prestação de cuidados e a incapacidade de identificar episódios que ilustrem a qualidade de *caregiving* por parte do elemento feminino. (e.g., *“Fala e desabafa (...), mas é diferente o caso e tem de ser mesmo ele a vir ter comigo.”*; *“Ouço e aconselho.”*)

Na escala **Careseeking**, obteve um valor **baixo**. A procura de cuidados por parte do elemento feminino da díade é realizada de modo velado, sem capacidade de sinalizar de modo claro e consistente desconforto, mas sendo a sinalização

realizada de modo difuso com irritabilidade. Tal é válido seja em problemas não diretamente associados à relação (e.g., *“Quando eu estou aborrecida, eu fico insuportável, ninguém pode dizer nada que eu começo logo... fico mesmo insuportável e depois é o J. que leva por tabela, não é? Depois ele não pode falar comigo que começa logo “pronto, já sei que não te correu bem o dia”*”), seja a problemas que emergem no contexto da relação (e.g., *“Eu sou mais casmurra, então tem que ser mais ele a vir ter comigo, porque eu não gosto de dar o braço a torcer.”*)

Na escala **Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação**, obteve um valor **alto**. A relação é representada como sendo promotora de crescimento e desenvolvimento individual, sendo identificado o contributo pessoal para a satisfação das necessidades da relação. (e.g., *“por isso é que hoje estamos casados e estamos a pensar no futuro, por isso é que... posso dizer que nos damos bem, temos os mesmos objetivos de vida, e isso ajuda.”*)

Na escala **Idealização**, obteve um valor **baixo**. Embora a representação da relação íntima seja avaliada como coerente, com representações gerais que decorrem da experiência pessoal, existem algumas apreciações positivas da relação que não são passíveis de ser validadas episodicamente. Adicionalmente, pontualmente, a pessoa perde-se no discurso.

Na escala **Coerência**, obteve um valor **alto**. O discurso da pessoa é avaliado como claro relativamente ao outro, a si e à relação, embora ocorram situações em que o elemento feminino não é capaz de sustentar episodicamente a representação que da relação íntima elabora.

### ***Couples Interaction Task / CIT***

São apresentados os resultados da CIT para o casal.

Aa escala **Afeto Positivo Diádico**, é classificada como **baixa**, traduzido-se pelas poucas verificações de expressões de afeto positivo entre o casal. Quando existia, não se verificava ser recíproco. Ou seja, observou-se a presença de sorrisos ocasionais e risos, que seriam reveladores da partilha de afeto positivo. Não obstante, a interpretação deste afeto é não mais do que a possibilidade de este ser uma estratégia para reduzir a tensão sentida na avaliação.

A escala **Afeto Negativo Diádico**, é classificada como **baixa**. Denotou-se a escassa existência de conflito aberto e a procura de rapidamente o conter quando

este surgisse. Percebe-se que a crítica constitui o afeto negativo expresso por este casal, assim como as expressões caracterizadas por frieza e tensão. Percebe-se também o cuidado em evitar conflitos. A inibição nota-se ser característica do elemento masculino, de forma que não demonstra qualquer discordância para com o elemento feminino.

A escala **Raiva**, classifica-se como **baixa** por serem inexistentes os sinais de raiva, podendo existir algum sinal mínimo, no entanto, não é verificada a escalada.

A escala **Hostilidade**, é cotada como **baixa**. Verificam-se alguns comentários de cariz hostil, interpretados como críticas. Dá a sensação de que o elemento feminino procura expressar algo incomodativo para si, mas não encontra outra forma de o expressar que não um comentário jocoso.

A escala **Resolução de Conflito**, é classificada como **baixa**. Observa-se um domínio da interação por parte do elemento feminino, pelo que se nota um autoretraimento elevado por parte do elemento masculino, de forma que este não expressa a sua opinião. Verifica-se que não há uma construção de resolução de conflito partilhada, não existindo também reciprocidade na partilha de opiniões. Contudo, entende-se não existir qualquer desconforto com a decisão tomada.

A escala **Base Segura**, é classificada como **baixa**. Verifica-se que não existe uma procura de cuidados por parte do elemento feminino e, quando existe, não é feita corretamente. A relação caracteriza-se por um certo desequilíbrio, até porque se observa que quando existe procura de cuidados, estes não são atendidos pela outra parte, o que pode ser justificado por não existir ativação emocional.

A escala **Equilíbrio I: Abertura e Assertividade vs. Auto-Retraimento**, é classificada como **baixa**. Existe um claro domínio da relação por parte do elemento feminino, de forma que o elemento masculino se revela acatado, autoretraído, aceitando tudo aquilo que é proposto.

A escala **Equilíbrio II: Desenvolvimento do Indivíduo vs. Desenvolvimento da Relação**, classifica-se como **baixa**. Não se verifica trabalho em equipa nem concordância. A expressão individual por um ou ambos os elementos do casal é limitada pela interação diádica. Não existe qualquer tipo de esforço para potenciar a interação.

A escala **Equilíbrio III: A Relação vs. O Mundo Exterior**, é classificada como **baixa**. É revelada alguma inibição, as tarefas são terminadas, no entanto o processo é penoso, na medida em que o casal tem dificuldade no cumprimento do

tempo. O casal não é capaz de se focar num trabalho em equipa, de maneira que facilmente são distraídos.

A escala **Avaliação Global da Qualidade da Relação**, classifica-se como **baixa**. O juiz não identifica que esta relação seja promotora de crescimento, principalmente pela escassa existência de aspetos positivos. No entanto, deve ser salientado que também não existem aspetos de cariz negativo (e.g., raiva, ressentimento).

### **Avaliação da Expressão Emocional**

É apresentada a tabela referente à avaliação da complementaridade e similaridade da expressão emocional dos elementos da díade aquando do momento da interação referente à resolução do problema que maior discórdia gera no casal. Destaco que o problema apontado pelo casal é a dificuldade na divisão de tarefas. De referir que o casal coabita a apenas há 12 meses e este é um problema comum nestas situações, sendo que devem ser adotadas estratégias pelo par de forma a culminar um possível desacordo (Campo, 2014).

<b>Unidade Temporal</b>	<b>Elemento Feminino</b>	<b>Elemento Masculino</b>
<b>1º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria) Função: Reduzir tensão
<b>2º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria) Função: Reduzir tensão
<b>3º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Tristeza
<b>4º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Neutro
<b>5º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria – sem contacto ocular) Função: Reduzir tensão
<b>6º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria) Função: Reduzir tensão
<b>7º minuto</b>	Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria) Função: Reduzir tensão	<b>Neutro</b>
<b>8º minuto</b>	<b>Sorriso – expressão facial de emoção positiva (Alegria)</b> <b>Verbal: Crítica</b>	Neutro

<b>9º minuto</b>	Surpresa; Sorriso – expressão facial de emoção positiva ( <b>Alegria</b> ) Função: Reduzir tensão	<b>Hostilidade</b>
<b>10º minuto</b>	Hostilidade	<b>Tristeza</b>

A partir destes resultados é possível entender que é o elemento feminino aquele que inicia maioritariamente a expressão emocional.

Nos dois primeiros minutos o elemento feminino inicia com uma expressão facial de emoção positiva (**Alegria**), verbalizando **crítica**. O elemento masculino responde com a mesma expressão facial, mas com a função de **reduzir a tensão**.

No 3º minuto, D. inicia novamente com a expressão de **Alegria** e verbalmente com **crítica**, sendo que J. responde com **Tristeza**.

No 4º minuto, D. volta a iniciar com a expressão de **Alegria** e verbalmente com **crítica** e J. revela **neutralidade**.

Nos 5º e 6º minutos, o elemento feminino volta a iniciar com a expressão de **Alegria** e verbalmente com **crítica** e o elemento masculino responde com a mesma expressão facial, mas com a função de **reduzir a tensão**, sendo que no 5º minuto não existe contacto ocular.

No 7º minuto, é o elemento masculino que inicia, sendo **Neutro** e, desta vez, D. responde com a expressão de **Alegria** com a função de **reduzir a tensão**.

No 8º minuto, o elemento feminino volta a iniciar com uma expressão facial de emoção positiva (**Alegria**), verbalizando **crítica** e J. mantém-se neutro.

No 9º minuto, é o elemento masculino a iniciar, desta vez com **Hostilidade** e D. responde com **Surpresa** e procura novamente **reduzir a tensão**.

No 10º minuto, o elemento masculino volta a iniciar, desta vez com **Tristeza**, e D. responde com **Hostilidade**.

## 7 – Discussão de Resultados

Considerando que o objetivo do estudo é analisar como a representação da vinculação se associa com a interação conjugal, dando particular atenção à dimensão emocional no contexto da interação diádica, a discussão dos resultados será organizada tendo por base os objetivos específicos delineados para o estudo.

## **Examinar a relação existente entre as dimensões representacionais e a dimensão comportamental nas relações íntimas.**

Indivíduos classificados como desligados são caracterizados por desvalorizarem a importância das relações íntimas, assim como, pela sua independência e autodeterminação face à relação e aos outros. Por sua vez, indivíduos seguros valorizam a relação íntima, procurando manter a mesma sem qualquer prejuízo da autonomia pessoal (Lima, 2009).

Bowlby (1980) chama a atenção de que indivíduos classificados como desligados recorrem a uma estratégia de desativação do sistema de vinculação. Para além disto, existe uma menor procura de proximidade por parte dos mesmos para com o par, assim como, uma menor prestação de cuidados e prestação de suporte (Fraley & Shaver, 1998; Simpson et al., 2002).

Como se verifica na AAI do elemento masculino, existe a incapacidade de recordar episódios que ilustrem as apreciações globais feitas, sendo tal um dos critérios para a sua classificação como desligado. Seria admissível, considerando a máxima de Bowlby (1980) de que, embora passíveis de revisão, a representação da relação atual se pautasse por equivalente dificuldade na eliciação de episódios específicos, bem como na dificuldade em recorrer ao outro como base segura (Lima, 2009) ou face a ele assim se constituir. Tal não se verifica, sendo ao invés evidente na IRI do elemento masculino a valorização da relação e do eixo de Cuidados, sendo, portanto, capaz de rever as necessidades do par e responder de forma coerente, indicando ser mais positivo e integrado no MID específico do que no MID geral.

Pelo contrário, a AAI do elemento feminino revela a valorização das relações de vinculação e o reconhecimento do impacto das mesmas no seu desenvolvimento pessoal (aspetos característicos da classificação Seguro em relação à vinculação) ainda que seja adotada como estratégia emocional a desativação. Ora, os resultados da IRI, parecem ser consonantes com esta desativação, como é particularmente possível verificar nos baixos valores das escalas de *careseeking* e *caregiving*.

Lima (2009), tendo procedido a uma análise clusters das interações de casal com base no comportamento diádico, identificou três tipos de interação possíveis, em função das cotações nos domínios Tonalidade Emocional Negativa, Balanceamento Self/Outro e Qualidade Global da Interação. Nesta linha, o casal em

análise apresenta características da interação similares às apresentadas por casais classificados como tendo uma Interação Distanciada (pautada por tonalidade emocional negativa avaliada como média/baixa, uma capacidade média de equilibrar as necessidades de cada elemento da díade e da relação, e a qualidade global da sua interação avaliada como abaixo da média), distinguindo-se porém dos mesmos por se verificarem cotações baixas (e não médias) no que à capacidade de balancear as necessidades individuais e da relação se refere.

Os resultados obtidos nos domínios representacionais e comportamental levam-nos a considerar lícita a apreciação da continuidade entre os mesmos (AAI, IRI, CIT) para o elemento feminino e de continuidade entre o MID Geral (AAI) e a dimensão comportamental (CIT) e descontinuidade entre representação específica e a dimensão comportamental (CIT) para o elemento masculino. Estes dados não estão em consonância com os obtidos por Lima (2009), em que a qualidade da dimensão comportamental dos elementos masculinos tendia a estar mais dependente da representação da relação atual do que do MID Geral.

**Analisar a expressão emocional de cada um dos elementos do casal em contexto de interação diádica e suas relações com a organização da vinculação.**

Indivíduos classificados como desligados tendem a evidenciar uma maior quantidade de comportamentos negativos dirigidos ao Outro, principalmente a partir de um maior distanciamento (Roisman, Collins, Sroufe & Egeland, 2005), parecendo tal no elemento masculino deste casal ser pautado por retraimento na expressão emocional (atente-se a este respeito ao baixo valor na escala de balanceamento de assertividade/auto-retraimento na CIT) e por hostilidade ao 9º minuto, revelando, criticismo dirigido ao outro. Adicionalmente, no que ao *careseeking* diz respeito, verifica-se apenas pontualmente sinalização de vulnerabilidade, que não é mantida por parte do J. (especificamente a tristeza manifestada no 3º minuto que é substituída por afeto neutro face à não responsividade por parte do parceiro).

Indivíduos classificados como seguros no que se refere à vinculação tendem a caracterizar-se por comportamentos positivos na interação diádica, de recorrer ao outro como base segura e de assim se constituírem para o parceiro (Crowell, Fraley & Shaver, 1999). Nestes indivíduos, o balanceamento entre as suas necessidades, as do outro e as da relação são tipicamente asseguradas, ao passo que nos

indivíduos desligados tende a registrar-se um esforço em preservar o *self*, ainda que em detrimento da relação (Lima, 2009), num esforço de estabelecimento de controlo (Wampler, Shi, Nelson & Kimball, 2003).

No casal em estudo o exposto não se verifica, crendo-se que tal se deva à estratégia de desativação emocional levada a cabo pelo elemento feminino, que parece ter como consequência a adoção de comportamentos típicos em indivíduos classificados como desligados.

### **Analisar a expressão emocional de cada um dos elementos do casal em contexto de interação diádica e suas relações com a representação da relação íntima.**

No que respeita ao elemento masculino da díade e considerando os valores obtidos na IRI, denota-se a integridade e consistência na escala de *caregiving*, o que permite considerar a boa capacidade de J. na identificação de mal-estar e de sinais de vulnerabilidade apresentados por D., disponibilizando-se para a prestação de cuidados e satisfação de necessidades. Na avaliação da dimensão comportamental (CIT), compreende-se que a expressão emocional do elemento masculino é pautada por, maioritariamente, uma expressão neutra, ou pela função de redução de tensão. Entende-se, portanto, que a expressão emocional se assume como dirigida à redução de tensão como resposta à crítica do outro (e.g., 1º e 2º minutos). E, a neutralidade parece cumprir a redução de tensão e o evitamento de escalada, evitamento este que parece ter a ver com o autoretraimento. Relativamente à procura de cuidados por parte do elemento masculino, tendo este obtido na IRI um valor médio, percebe-se a ausência da expressão de vulnerabilidade. Este valor parece associar-se a uma inconsistência no pedido de cuidados, podendo o mesmo não ser consistentemente apresentado e, contido caso o elemento feminino não responda. Esta inconsistência pode ser verificada no 3º minuto em que J. expressa tristeza face à crítica de D. e no 4º minuto, D. responde a esta emoção novamente com crítica.

Relativamente ao elemento feminino da díade, esta apresenta um valor baixo na prestação de cuidados e, na procura de cuidados percebe-se alguma inconsistência na forma como é feita. Avaliando a expressão emocional, verifica-se que D. apresenta maioritariamente a crítica como função e, para além disso, revela um elevado nível de dominância (Sadler, Gunn, Ethier, Duong, & Woody, 2009),

sendo sempre a mesma a iniciar, apenas no minuto 9 é o elemento masculino que inicia revelando hostilidade e é respondido da mesma forma.

Deste modo, constata-se a existência de similaridade em todos os minutos e apenas complementaridade no 10º minuto.

\*\*\*\*\*

Compreende-se, através da avaliação realizada, que a história organizada representacionalmente de cada elemento da díade interfere na qualidade da relação íntima. A organização parece estar associada a estratégias de desativação emocional de ambos e, a organização da informação da relação atual parece estar associada ao modo como as experiências precoces foram organizadas, podendo verificar-se continuidade na representação íntima face à organização da vinculação ou, descontinuidade da relação íntima por referência à organização. Por sua vez, na dimensão comportamental no contexto da relação íntima na idade adulta, associa-se a AAI e a IRI, ou seja, parece ver-se influenciada de forma distinta, quer pela organização quer pela representação da relação íntima, considerando o comportamento do outro (Simpson, Collins, Tran & Haydon, 2007), nomeadamente no que diz respeito a expressão emocional e procura e prestação de cuidados no processo de resolução de conflito.

Como contributo do presente estudo, pode apontar-se a introdução de elementos importantes na leitura dos processos desenvolvimentais. Crê-se que este trabalho se constitui com relevante na constituição de elementos de cariz individual, representacional e comportamental (verbais e não verbais), seja de cariz diádico (comportamento verbal e não verbal) para processos terapêuticos com casais, bem como, no desenvolvimento de programas de promoção da relação.

## **8 – Limitações do Estudo e Propostas de Investigação Futura**

Considerando o processo que o presente estudo envolve, entende-se que este não está livre de limitações. Realça-se o *setting* no qual a avaliação se realizou, sendo este percebido como artificial. Este carácter artificial parece influir no comportamento do casal, na medida em que não se mostram confortáveis. Revelou-

se alguma dificuldade no que respeita ao casal se envolver, não só na tarefa, mas também de se expor ao outro e atender às suas necessidades. É assim possível que a diminuta expressão emocional seja lida não apenas à luz das especificidades individuais (organização da vinculação e representação da relação íntima) e do caráter interdependente da interação diádica, mas também se associe às características deste *setting*. Esta limitação pressupõe que futuramente a investigação contemple equipamento que viabilize um caráter menos artificial à interação. De salientar também que, estando o presente trabalho inserido num estudo mais amplo que pretendia avaliar a resposta psicofisiológica este influenciou também a fluidez da interação.

No que à avaliação da expressão emocional diz respeito, esta contemplou exclusivamente uma dimensão observacional sendo adequado que estudos futuros recorram a medidas standardizadas da mesma (e.g., SPAFF, (Gottman & Krokoff, 1989)), bem como a avaliação por meio de autorrelato de competências de diferenciação e regulação emocional dos elementos do casal (e.g., Escala de *Repertório Emocional e Diferenciação Emocional* e *Escala de Avaliação do Repertório e Capacidade de Diferenciação Emocional*) (Vaz, 2009).

Por fim, referir que este estudo de caso recorreu a um casal voluntário não envolvido em processo terapêutico podendo ser útil que a investigação futura seja desenvolvida junto de casais em processo terapêutico na senda do já realizado por Amorim (2013) contemplando agora as variáveis em estudo.



## Referências Bibliográficas

Ainsworth, M., (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle.

In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the lyfe cycle* (pp. 33-51). London: Routledge.

Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An Ethological Approach to Personality

Development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.

Amorim, J. C. G. (2013). *Interação diádica em processo terapia de casal*. (Tese de Mestrado). Universidade Católica Portuguesa.

Belsky, J., & Cassidy, J. (1994). Attachment and Close Relationships: An Individual Difference Perspective. *Psychological Inquiry*, 5(1), 27.

Bartholomew, K., & Shaver, P. (1998). Methods of assessing adult attachment: do

they converge? In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 25-45). New York: The Guilford Press.

Bowlby, J. (1958). The Nature of the Child's Tie to his Mother. *International Journal*

*Of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.

Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss, sadness and depression*. London:

Basic Books.

Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: clinical applications of attachment theory*. London:

Routledge.

Bretherton, I. (1985). Attachment Theory: Retrospect and Prospect. *Monographs Of The Society For Research In Child Development*, 50(1-2), 3-35.

Bretherton, I. (1990). Communication Patterns, Internal Working Models, and the Intergenerational Transmission of Attachment Relationships. *Infant Mental Health Journal*, 11(3), 237-252.

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.

Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance in attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossmann & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies*. (pp.13-47) New York: Guilford Press.

Campo, C. (2014). La terapia de pareja en la práctica clínica: un modelo de diagnóstico e intervención. En R. Medina, E. Hernández (Eds.), *Pensamiento Sistémico: Nuevas perspectivas y contextos de intervención* (pp. 251-278). Rio de Janeiro: Litteris Psicologia.

Cassidy, J. (2000). Adult romantic attachments: A developmental perspective on individual differences. *Review Of General Psychology*, 4(2), 111-131. doi:10.1037/1089-2680.4.2.111.

Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3(2), 121-155. doi:10.1080/14616730110058999.

Cassidy, J., Ehrlich, K. B., & Sherman, L. J. (2014). Child-parent attachment and response to threat: A move from the level of representation. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, M. Mikulincer, P. R. Shaver (Eds.), *Mechanisms of social connection: From brain to group* (pp. 125-143). Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/14250-008.

Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi:10.1037/0022-3514.58.4.644.

Collins, N., & Feeney, B. (2004). An attachment theory perspective on closeness and intimacy. In D. Mashek & A. Aron (Eds.), *Handbook of closeness and intimacy*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., Publishers.

Crowell, J., Fraley, R. & Shaver, P. (1999). Measurement of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 434-465). New York: The Guilford Press.

Davila, J., Wodarczyk, H., & Bhatia, V. (2017). Positive emotional expression among couples: The role of romantic competence. *Couple And Family Psychology: Research And Practice*, 6(2), 94-105. doi:10.1037/cfp0000077.

Duemmler, S. L., & Kobak, R. (2001). The development of commitment and attachment in dating relationships: Attachment security as relationship construct. *Journal of adolescence*, 24(3), 401-415.

Ekman, P. (1997). Expression or communication about emotion. In N. L. Segal, G. E. Weisfeld, C. C. Weisfeld, N. L. Segal, G. E. Weisfeld, C. C. Weisfeld (Eds.) ,

*Uniting psychology and biology: Integrative perspectives on human development* (pp. 315-338). Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/10242-008.

Ekman, P., Friesen, W. V., O'Sullivan, M., Chan, A., Diacoyanni-Tarlatzis, I., Heider, K., & ... Tzavaras, A. (1987). Universals and cultural differences in the judgments of facial expressions of emotion. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 53(4), 712-717. doi:10.1037/0022-3514.53.4.712

Feeney, J., & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(2), 281-291.

Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult Attachment*. Thousand Oaks: SAGE Publications.

Feeney, J. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 355- 377). New York: Guilford Press.

Follan, M., & Minnis, H. (2010). Forty-four juvenile thieves revisited: from bowlby to reactive attachment disorder. *Child: Care, Health & Development*, 36(5), 639-645. doi:10.1111/j.1365-2214.2009.01048.x.

Fortuna, K., Holland, A. S., Roisman, G. I., Haydon, K. C., & Groh, A. M. (2011). Attachment States of Mind and the Quality of Young Adults' Sibling Relationships. *Developmental Psychology*, 47(5), 1366-1373. doi:10.1037/a0024393.

Fraley, C. & Shaver, P. (1998). Airport separations: a naturalistic study on adult

attachment dynamics in separating couples. *Journal of Personality and Social Psychology* 75 (5): 1198-1212.

Fraley, R.C., & Shaver, P.R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154.

Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Waters, E. (Eds.). (2006). *Attachment from Infancy to adulthood: The major longitudinal studies*. Guilford Press.

Haltigan, J. D., Roisman, G. I., & Haydon, K. C. (2014). II. The latent structure of the adult attachment interview: exploratory and confirmatory evidence. *Monographs Of The Society For Research In Child Development*, 79(3), 1535. doi:10.1111/mono.12111.

Haydon, K. C., Roisman, G. I., Marks, M. J., & Fraley, R. C. (2011). An empirically derived approach to the latent structure of the Adult Attachment Interview: additional convergent and discriminant validity evidence. *Attachment & Human Development*, 13(5), 503-524. doi:10.1080/14616734.2011.602253.

Haydon, K. C., Collins, W. A., Salvatore, J. E., Simpson, J. A., & Roisman, G. I. (2012). Shared and Distinctive Origins and Correlates of Adult Attachment Representations: The Developmental Organization of Romantic Functioning. *Child Development*, 83(5), 1689-1702. doi:10.1111/j.1467-8624.2012.01801.x.

Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1994). Attachment Theory and Close Adult Relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 38.

Jones, J. D., Ehrlich, K. B., Lejuez, C. W., & Cassidy, J. (2015). Parental knowledge of adolescent activities: Links with parental attachment style and adolescent substance use. *Journal Of Family Psychology*, 29(2), 191-200. doi:10.1037/fam0000070.

Kim, Y. (2005). Emotional and cognitive consequences of adult attachment: The mediating effect of the self. *Personality & Individual Differences*, 39(5), 913-

Levinger, G. (1994). Attachment Theory as a Paradigm for Studying Close Relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 45.

Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20(1), 51-63.

Lima, V. S. (2009). *Vinculação, representação da relação íntima e interacção diádica em adultos*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade do Minho, Portugal.

Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: a move to the level of representation. *Monograph Of The Society For Research In Child Development*, 50(1/2), 66-104. Doi:10.1111/1540-5834.ep11889989.

Main, M., Hesse, E. & Kaplan, N. (2005). Predictability of attachment behaviour and representational processes at 1, 6 and 19 years of age: the Berkeley longitudinal study. In K.E. Grossman, K. Grossman, & E. Waters (Eds.), *Attachment from Infancy to Adulthood: The major longitudinal studies (pp. 245-304)*. New York: The Guilford Press.

Markey, P., Lowmaster, S., & Eichler, W. (2010). A real-time assessment of interpersonal complementarity. *Personal Relationships*, 17(1), 13-25. doi:10.1111/j.1475-6811.2010.01249.x.

Matsumoto, D., & Ekman, P. (2004). The Relationship Among Expressions, Labels, and Descriptions of Contempt. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 87(4), 529-540. doi:10.1037/0022-3514.87.4.529.

McCarthy, G., & Maughan, B. (2010). Negative childhood experiences and adult love relationships: The role of internal working models of attachment. *Attachment & Human Development*, 12(5), 445-461. doi:10.1080/14616734.2010.501968.

Obegi, J. H., & Berant, E. (Eds.). (2010). *Attachment theory and research in clinical Work with adults*. Guilford press.

Pietromonaco, P. R., & Barrett, L. F. (2000). The internal working models concept:

What do we really know about the self in relation to others?. *Review Of General Psychology*, 4(2), 155-175. doi:10.1037/1089-2680.4.2.155.

Pietromonaco, P. R., & Beck, L. A. (2015). Attachment processes in adult romantic relationships. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. A. Simpson, J. F. Dovidio, M. Mikulincer, P. R. Shaver, ... J. F. Dovidio (Eds.) , *APA handbook of personality and social psychology, Volume 3: Interpersonal relations* (pp. 33-64).

Washington, DC, US: American Psychological Association. doi:10.1037/14344002.

Raiffe, D. E., & Murphy, T. P. (2016). The Role of Attachment on Adult Attitudes

Toward Interacting With Children. *Psi Chi Journal Of Psychological Research*, 21(3), 162-169.

Reuther, B. T. (2014). On our everyday being: Heidegger and attachment theory.

*Journal Of Theoretical And Philosophical Psychology*, 34(2), 101-115.

doi:10.1037/a0033040.

Roisman, G. I., Madsen, S. D., Hennighausen, K. H., Sroufe, L. A., & Collins, W. A. (2001). The coherence of dyadic behavior across parent–child and romantic relationships as mediated by the internalized representation of experience. *Attachment & Human Development*, 3(2), 156-172.

doi:10.1080/14616730110056946.

Roisman, G. I., Tsai, J. L., & Chiang, K. S. (2004). The Emotional Integration of Childhood Experience: Physiological, Facial Expressive, and Self-Reported Emotional Response During the Adult Attachment Interview. *Developmental Psychology, 40*(5), 776-789. doi:10.1037/0012-1649.40.5.776.

Roisman, G., Collins, A., Sroufe, A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behavior in their current romantic relationship: Prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment & Human Development, 7*(2), 105-121. doi:10.1080/14616730500134928.

Sadler, P., Gunn, G. R., Ethier, N., Duong, D., & Woody, E. (2009). Are We on the Same Wavelength? Interpersonal Complementarity as Shared Cyclical Patterns During Interactions. *Journal Of Personality & Social Psychology, 97*(6), 1005-1020.

Schwartz, J. (2015). The Unacknowledged History of John Bowlby's Attachment Theory. *British Journal Of Psychotherapy, 31*(2), 251-266. doi:10.1111/bjp.12149.

Shapiro, & Gotman (2004). The Specific Affect Coding System (SPAFF). In P. Kerig & D.H. Baucom (Eds.), *Couple observational coding systems* (pp. 173-188). New Jersey/London: Lawrence Erlbaum.

Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2009). An overview of adult attachment theory. In J. H. Obegi & E. Berant (Eds.), *Attachment Theory and Research in Clinical Work With Adults* (pp.17-45). New York, Us: The Guilford Press.

Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2014). Attachment bonds in romantic relationships.

In M. Mikulincer, P. R. Shaver, M. Mikulincer, P. R. Shaver (Eds.),  
*Mechanisms of social connection: From brain to group* (pp. 273-290).  
Washington, DC, US: American Psychological Association.  
doi:10.1037/14250-016.

Simpson, J. (1990). Influence of attachment styles on romantic relationships. *Journal Of Personality and Social Psychology*, 59(5), 971-980.

Simpson, J., & Rholes, S. (1998). Attachment in adulthood. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 3-21). New York: The Guilford Press.

Simpson, J., Rholes, W., Orina, M. & Grich, J. (2002). Working models of attachment, support giving, and support seeking in a stressful situation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28 (5), 598-608.

Simpson, J. A., Collins, W. A., Tran, S., & Haydon, K. C. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: A developmental perspective. *Journal Of Personality And Social Psychology*, 92(2), 355-367. doi:10.1037/0022-3514.92.2.355.

Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (2ª ed.). Braga: Psiquilíbrios.

Taylor, A. (2017). The role of fixations and face gender in facial expression categorization. *Cognitie, Creier, Comportament/Cognition, Brain, Behavior*, 21(2), 101-115. doi:10.24193/cbb.2017.21.07.

- van Rosmalen, L., van der Horst, F. P., & van der Veer, R. (2016). From secure dependency to attachment: Mary Ainsworth's integration of Blatz's security theory into Bowlby's attachment theory. *History Of Psychology, 19*(1), 22-39.
- Vaz, F. J. D. S. M. (2009). *Diferenciação e regulação emocional na idade adulta: Tradução e validação de dois instrumentos de avaliação para a população portuguesa*. Universidade do Minho, Portugal.
- Wampler, K., Shi, L., Nelson, B. & Kimball, T. (2003). The adult attachment interview and observed couple interaction: implications for an intergenerational perspective on couple therapy. *Family Process, 42*, 497-515.
- Waters, H. S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development, 8*(3), 185-197. Doi:10.1080/14616730600856016.
- Weiss, R. S., (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the lifecycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Wells, L. J., Gillespie, S. M., & Rotshtein, P. (2016). Identification of Emotional Facial Expressions: Effects of Expression, Intensity, and Sex on Eye Gaze. *Plos ONE, 11*(12), 1-20. doi:10.1371/journal.pone.0168307.

